

ÁUDIO música & TECNOLOGIA



CAPITAL INICIAL NOVAMENTE ACÚSTICO

Tudo sobre o som da tour
que está rodando o Brasil

AO VIVO

Por que gravar os
shows em multipistas?

MIXAGEM
ENTENDENDO
AS VÁLVULAS

LOGIC PRO

Crie seus efeitos e produza
vocais "a la Skrillex"

AES BRASIL EXPO 2016

Cobertura completa de mais
uma edição do evento

L&CENA

Rock in Rio Lisboa — A luz de um dos maiores festivais de música do mundo
Lighting Week mostra novidades que renovam a cena da iluminação no país

CADERNO

LUZ & CENA

ROCK IN RIO LISBOA

A luz da edição que comemora os 30 anos de um dos maiores festivais de música do mundo



LIGHTING WEEK BRASIL

Novidades agitam o mercado nacional de iluminação

A REPRESENTAÇÃO DA LUZ EM DOCUMENTO

A relação do iluminador com o mapa de luz e suas possibilidades

Atualmente há no mercado diversos tipos de equipamentos que atuam a nosso favor no objetivo de transformar ideias conceituais de iluminação em algo visível e até mesmo tátil. Controladoras analógicas e digitais, refletores, spots, moving head, equipamentos de LED... Enfim, todo este material e muitos outros que aparecem a cada dia no mercado sempre buscam aperfeiçoar e nos ajudar a transformar nossos sonhos em realidade.

Mas hoje quero ter uma conversa com vocês sobre a representação desta luz. Quando falo "representação", quero discutir sobre os mapas de luz (fig. 1), ou plano de luz, ou, ainda, projeto de luz. Ele pode ser chamado de várias formas, mas todas caminham para uma coisa só, que é a representação gráfica da disposição desta gama de material tecnológico no espaço em que você vai trabalhar. Mas vamos chamar aqui de mapa de luz.

Atualmente não existe um padrão definitivo. O único elemento que os faz ter semelhança seria a disposição destes refletores nas varas de luz ou grid, o que é essencial para um mapa de luz, mas existem outras observações a serem feitas, como indicação de varas de palco, representação da cenografia, disposição das varas de luz, torres de luz laterais, se há refletores no piso, referência dos filtros de cores a serem utilizados, acessórios a serem adicionados aos refletores, quantidade de equipamento, dentre outras observações.

Hoje temos diversos programas para nos ajudar, mas antes tudo era feito no papel, o que acontece até hoje. Eu mesmo, antes de sentar no computador para fazer o projeto final, rabisco todas as possibilidades e ideias antes de finalizá-lo, pois após acompanhar ensaios, discussões com a equipe técnica e direção, sentamos para poder fazer a parte final. Eu ainda, de vez em quando, uso meus gabaritos de iluminação (fig. 2). O papel e o lápis ainda são de suma importância para quem está em processo de criação artística, pois com eles podemos fazer e refazer todos os testes até chegar a um resultado satisfatório.

REPRESENTAÇÃO VISUAL UTILIZANDO PAPEL E COMPUTADOR

Um fator fundamental para a representação visual destes equipamentos é a observação quanto à escala real do espaço onde será executado o mapa de luz. Os iluminadores Juan Carlos Moreno, da Espanha, e Valentín Orozco, do México, entram em acordo

Rodrigo Horse

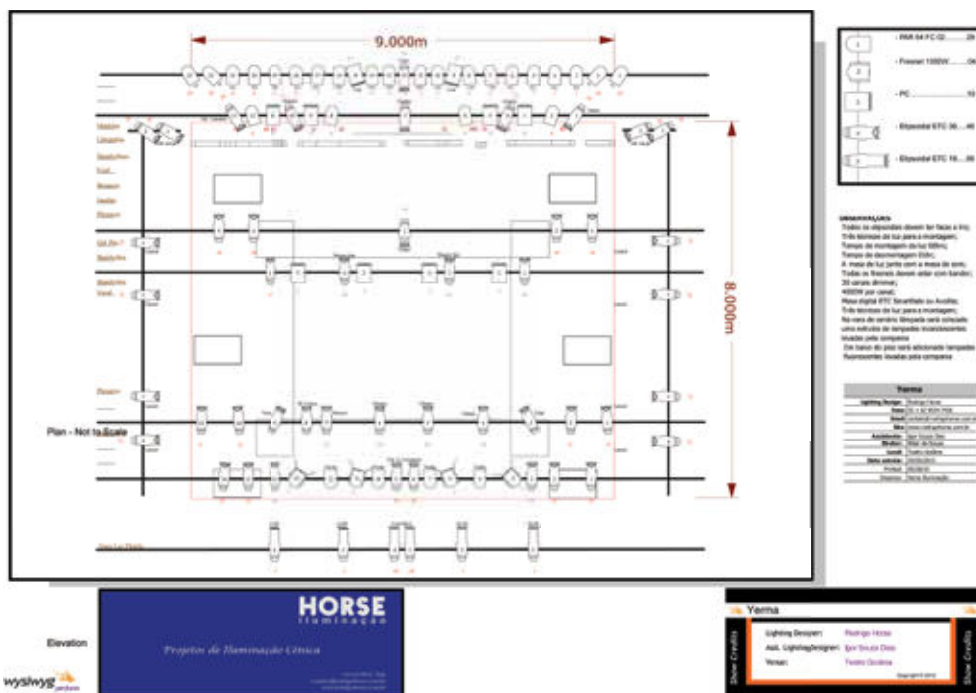


Figura 1 – Mapa de luz

quanto a isso. Eles defendem em seus livros técnicos de iluminação a importância desta representação em escala, pois assim podemos fazer todos os testes e estudos essenciais de angulação de luz. Para se chegar a um formato assim é preciso usar programas ou técnicas de desenho como base de trabalho, de modo que possamos representar mais fielmente, e em escala, tudo o que desejamos fazer, e, com isso, facilitar a vida do técnico de luz que vai executar esta montagem.

No início eu fazia muitos de meus desenhos a mão, debruçado sobre pranchetas de desenhos técnicos, usando lápis e caneta nanquim, mas como sempre estamos em eterna modernização, o que, de certa forma, é natural do ser humano, precisamos acompanhar as novas tecnologias que estão aparecendo para nos auxiliar. Um programa que me ajudou muito foi o Lablux (**fig. 3**), do nosso amigo Valmir Perez. De forma bem fácil, podemos ainda usá-lo para fazer mapas de luz. Apesar dele não ter os mesmos recursos oferecidos por um Autocad da vida, podemos usá-lo para representar nossas ideias.

Hoje temos tantos recursos no mercado que às vezes com o mesmo programa você faz os testes de luz e desenha seu mapa, sendo que ele ainda pode executá-lo em uma apresentação usando interfaces DMX para conectá-lo ao sistema de iluminação do espaço. Apesar de parecer complexo, atualmente pode-se muito bem usar este tipo de processo em seus projetos de iluminação.

Este tipo de projeto é mais indicado, por exemplo, para quem está na estrada com shows que levam sua estrutura de som, palco e luz, pois o mesmo palco que é montado em Goiânia será montado em São Paulo ou em outra cidade. Suas medidas não serão alteradas, seus refletores serão sempre os mesmos. Assim, você já viaja com seu mapa de luz e roteiro de luz gravados e pronto. Em uma outra oportunidade vamos conversar sobre o roteiro de luz, que também é essencial em nossos projetos.

ADAPTAÇÕES DO SEU MAPA DE UM ESPAÇO PARA OUTRO

Agora, para quem trabalha essencialmente com espetá-

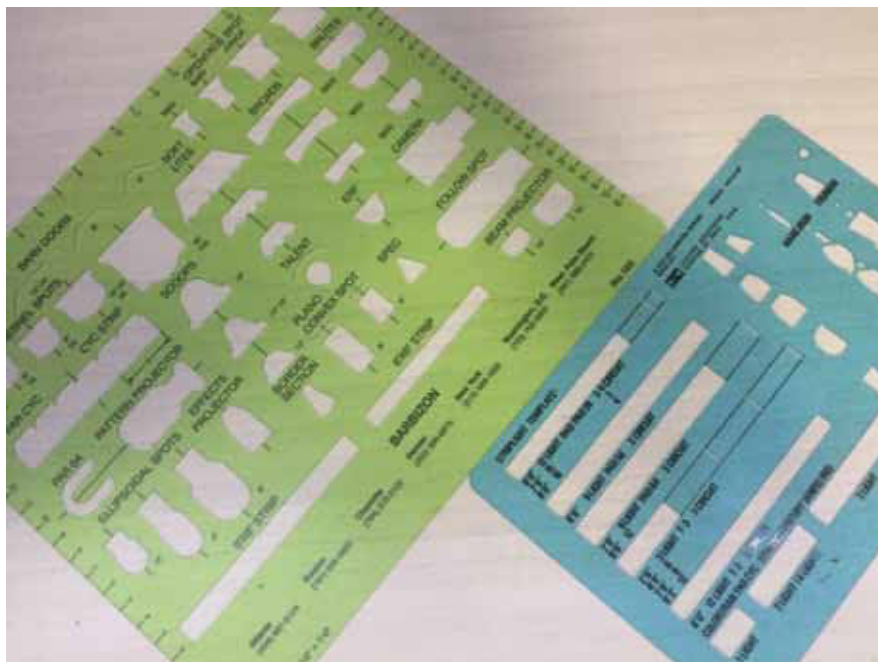


Figura 2 – Gabarito de iluminação

culos cênicos em teatros isso já se torna mais complicado, pois você pode perguntar para qualquer iluminador de espetáculos teatrais se é possível conseguir repetir o mesmo mapa de luz em diferentes teatros. A resposta é “não”. Isso acontece por diversos fatores, como quantidade de varas, medidas do palco de boca cena e profundidade, coxias, avanço ou não do proscênio, quantidade e tipos de refletores à disposição, dentre outras particularidades, mas, principalmente, por causa dos refletores.

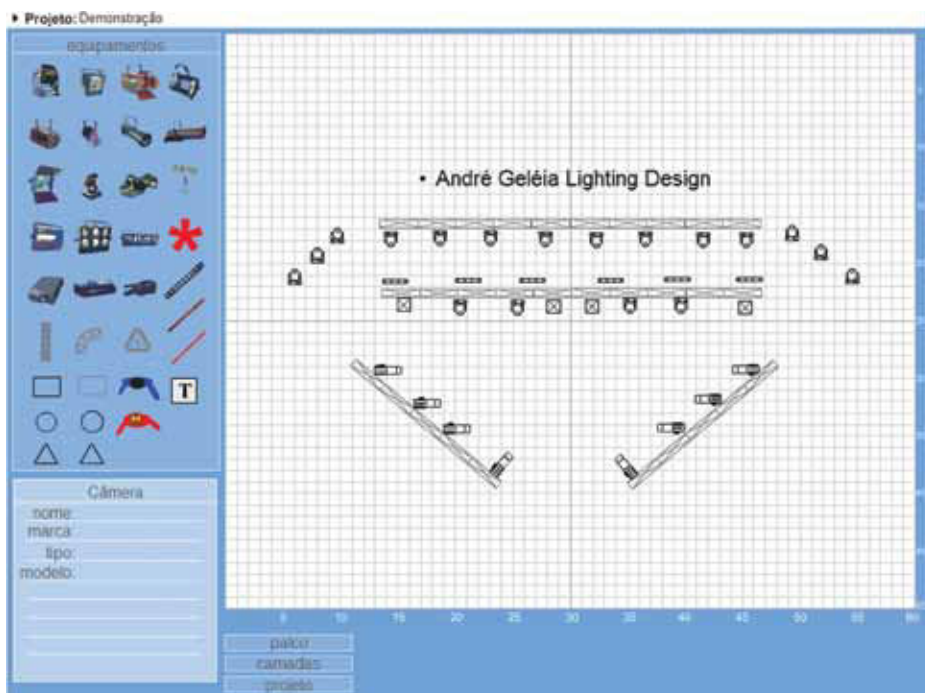
Um exemplo que podemos dar é o elipsoidal, de suma importância para quem trabalha com espetáculos teatrais. Existe uma grande gama de modelos de refletores no mercado, sendo que o que os difere uns dos outros é a qualidade da luz, potência da lâmpada, uso de lentes... Devido a estes e outros fatores você terá que adequar seu mapa de luz ao espaço em que vai se apresentar, fazendo pequenas adaptações.

O ideal seria que tivéssemos a planta baixa do teatro ou do espaço em .cad. Claro que isso é impossível. Não é em todo lugar que você vai conseguir isso. Mas eu, por exemplo, procuro pegar o máximo de informações do local para chegar preparado para eventuais contratempos. Aqui, na minha cidade, Goiânia, estou fazendo um levantamento dos espaços cênicos em que trabalho, coletando informações das plantas baixas ou até mesmo as desenhando

Iluminando

para meu uso próprio. Assim facilito muito minha vida para que o espetáculo cênico se adeque de forma correta naquele novo ambiente.

Outro fator importante para se levar em conta ao fazer o mapa de luz é conhecer muito bem os equipamentos que está usando, incluindo qualidade do material, fecho de abertura da luz, pacote de luz, lumens, temperatura de cor que pode ser emitida, manuseio e instalação, dentre outros. Quando conhecemos o material por completo, podemos utilizá-lo de diversas formas e substituí-lo adequadamente quando não for possível ter acesso a um refletor em específico. Quanto à disposição de visualização dos equipamentos no desenho, sempre coloquemos de uma forma como se estivéssemos de frente para o palco, pois esta é a visão do local de onde você estará acompanhando a montagem, afinação e operação do mesmo.



Reprodução

Figura 3 – Lablux

TRADUZINDO SEU MAPA DE LUZ

Como falei anteriormente, não existe um padrão de mapa de luz no mercado, e acaba que cada iluminador cria o seu de sua forma. Então, a representação de um moving head Beam Sharpy pode ser diferente da forma como você representa. Devido a isso, o carimbo ou legenda é de suma importância em um mapa de iluminação. Ele serve como um “tradutor” daquilo que está desenhado, atuando com o oposto de uma partitura musical, por meio da qual um músico brasileiro e um japonês “falam a mesma língua”, uma vez que o padrão das notas musicais e seus tempos são os mesmos aqui e no Japão. Já no mapa de luz não se tem isso. Não foi desenhado ou criado um padrão. Trabalhamos com padrões de mapas vindos da Europa e dos Estados Unidos, onde apareceram os primeiros escritos e

estudos sobre mapas de luz, roteiros, patch e conceitos de iluminação da história.

Neste carnaval de mapas de luz devemos expressar detalhadamente o máximo possível para que o técnico de luz, ou até mesmo o produtor, possam entender o material que você está utilizando em seu projeto. Eu, particularmente, anoto até o tempo de montagem e desmontagem, para que assim a produção possa conversar mais facilmente com todos os envolvidos, como técnico de luz, montadores e iluminadores. Podemos dizer que o mapa de luz é um tradutor de nossos pensamentos, um caminho através do qual a equipe técnica pode se guiar para montar sua luz. Este documento, mais o roteiro de luz, seriam nossa música, nossa partitura musical, para que ela possa se transformar em algo no palco. Já o roteiro de luz discutiremos no nosso próximo encontro.

Grande abraço e muita luz para todos. •



Rodrigo Horse é graduado em Design de Interiores pela Faculdade Cambury-GO, especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Brasileira de Educação e Cultura (FABEC-GO). Professor da pós-graduação do IPOG do curso Master em Iluminação e Arquitetura e pela Faculdade Unicuitiba na pós-graduação Arquitetura de Iluminação. É iluminador efetivo da Universidade Federal de Goiás (UFG) e atua como iluminador cênico há 15 anos. Contato: contato@rodrigohorse.com.br

